



QUEM, ha vinte annos aproximadamente, visitava a Escola de Bellas Artes, alli no Becco do mesmo nome, sentia qualquer cousa de extranho; a situação, o ambiente, os rapazes daquelle tempo, enfim, tudo contribuia para deixar, no espirito de quem lá ia, um sentimento de bem estar duradouro e confortante.

O ambiente, de austeridade monacal, impressionava. Dentro da penumbra dos corredores, vivia o mysterio que penetrava no animo dos artistas moços, em busca do ideal sonhado. A' entrada, o "Gladiador Borgheze", magestoso na sua attitude, musculos retesados, empolgava. As frizas de Phidias, que em torno ao saguão, como sentinellas avançadas, faziam com que á juvenute retrocedesse ao tempo de Pericles, Ictinos e Callicrate, impulsionados pelo respeito dos grandes mestres.

A mocidade daquelle tempo trazia a cabeça descoberta deante de tanta

Rapins de ontem Artistas de Hoje

elles, não obstante a sua proverbial delicadeza.

Havia no primeiro anno de desenho do curso daquelle saudoso tempo, um rapaz um tanto vadio, que, levado pelos companheiros, não cumpria muito regularmente as suas obrigações de estudante. Mestre Berard não o olhava com bons olhos. Um dia, afinal, foi a elle, e, em plena aula perguntou-lhe em voz alta: — «O Sr. pretende ser artista?» — «Sim,» respondeu o discipulo. — «Pintor?» — «I'alvez,» r. trucou o alumno — «Então, é muito rico?» — «Pelo contrario, pauperrimo...» — «Nesse caso, meu amigo, desista, pois do contrario o seu fim será aquelle», e apontou para um pobre diabo, uma sombra humana, que, pendurado em uma escada, brochava as paredes da Escola em obras. «Quer ser artista, estuda muito, prepara o espirito para a luta!»

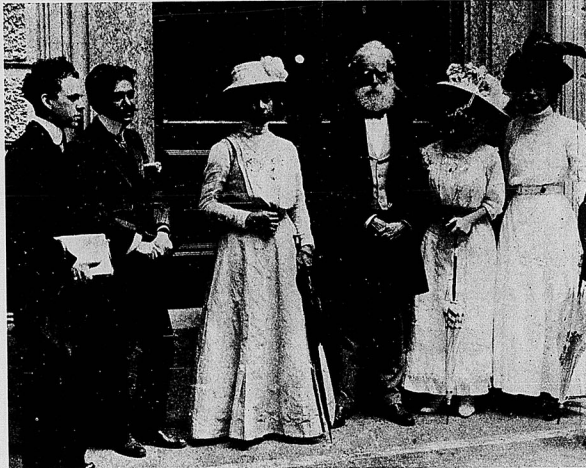
Passaram-se os annos, o vadio tornára-se um estudante applicado, pelo sermão do mestre.

Em diversos Salões de Bellas Artes, conquistou premios, inclusive o de viagem á Europa. Mestre Berard, não obstante o seu voto favoravel, dado no Conselho Superior de Bellas Artes, foi em busca do antigo discipulo que se achava rodeado de collegas, e, em plena galeria de pintura da Escola, e, com lagrimas cahindo pelas faces, pediu perdão das palavras duras, pronunciadas 7 annos antes!

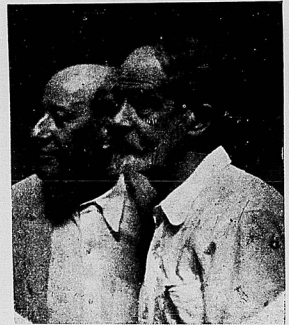
Por esta simples, mas tocante narrativa, é facil verificar o seu caracter recto e a sua grandiosa alma, feita para a Arte, in-apaz de causar magua a quem quer que fosse.

Como homem, mestre Berard era um exemplo. Como artista, impecavel, de uma honestidade sem par. Nos seus retratos, elle procurava dar mais que a simples semelhança, rebuscava no recondito do modelo, dentro da propria alma, a psychologia que os pinceis traduziam para a tela, como uma pagina aberta aos seus olhos penetrantes de observador.

Certo dia, foi encarregado de pintar o retrato do saudoso Barão Homem de Mello, que, pela idade e pelo estado de saude, não podia ir ao atelier do pintor, situado em um segundo andar da Rua dos Outeiros. A perspectiva do emprego da photographia era um supplicio para o mestre! Durante muitos dias andou preocupado, triste, sem coragem de dizer aos que desejavam o retrato do venerando Barão, que precisava de uma photographia em que o futuro retratado estivesse far-



Uma visita ao Museu Nacional em 1904 — o Barão Homem de Mello e os seus discipulos Henrique Costa, escultor fallecido em Paris; M. Lello, architecto; Mile Arinda Sobral, architecta; Mile Dinorah de Azevedo, gravadora laureada com o premio de viagem á Europa e Mile A'elaida Gonçalves, pintora laudada nos "Salons" de Bellas Artes.



«SIRMÀ» BERNARDELLI em 1903. PHOTOGRAPHIA TIRADA NO ANTIGO ATELIER DA RUA DA RELAÇÃO

magnificencia e tinha um objectivo que era sublime: ser artista. Esse sentimento em todos era ca cado no respeito dos mestres; gente simples e sonhadora sem o egoismo enraizado e a mania do foot-ball...

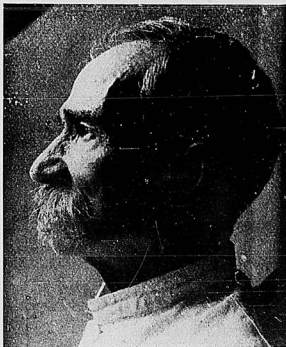
Não havia ainda a praga dos alfomadinhas, e dali reunir a Escola de Bellas Artes uma serie de predicados que calavam no animo dos rapazes que realmente desejavam ser mais alguma cousa do que cabelleiras; o respeito que um novo nutria pelo adiantado era digno de registro.

Quando algum delles passava era como se um ente sobrenatural apparecesse!... O respeito mesclado com o desejo de um dia ser como elles, adiantados, poder andar com uma caixa de pintura; ir ao atelier do mestre! Oh! ventura!

Como iniciador da mocidade na carreira das Artes, estava o mestre Daniel Berard, um velho desempenado, de porte marcial, que systematicamente usava guarda-chuva e calças brancas nos dias de chuva, e faltava no dia 2 de cada mez...

Mestre Berard era um ardoroso entusiasta da França, tinha-lhe um enraizado amor, tão grande como o que tinha pela patria; era monarchista; a sua veneração por Pedro II era tão grande, a ponto de descobrir-se ou levantar-se todas as vezes que ao velho monarcha se referia.

Nunca tinha uma phrase amarga para os desafectos. Amigo dos discipulos que trabalhavam, que estudavam, ao passo que intransigente para com os vadios, a sua intransigencia chegava ao ponto de uzar de aspereza para com



MESTRE ZEFE'INO DA COSTA. PHOTOGRAPHIA TIRADA EM 1903.



Aula do mestre H. Bernardelli em 1904 (Pintura) — 1, José Cordeiro, fallecido em 1919; 2, Maria José 3, Bemvinda de Assis, filha da escultora Nicolina Pinto do Couto; 4, J. Amarante, "O Cavallaro"; 5, Gaspar Magalhães, "O menino do balão"; 6, Angelina Agostini, filha de Angelo Agostini, actualmente em Londres, onde pratica o retrato com successo; 7, Soares Cunha, "O namorado", fallecido na Suissa; 8, Angenor de Barros, "O tachada".



JOSÉ AMARANTE DE OLIVEIRA — "O CAVALARLO" — O PINTOR DE MAIOR TALENTO DA SUA GERAÇÃO (1902) FALLECIDO.

za palpitante de vida, fonte perenne de todas as grandezas da Arte. Era mestre Berard tão rigoroso nas suas produções que pagou com a vida esse mesmo rigor. Tendo recebido do Estado do Paraná a encomenda do retrato do então governador, preferiu seguir para o Estado a lançar mão de recursos photographicos. Executou o trabalho deante da verdade; a mudança de clima, porém, activou a sua morte, até hoje sentida por todos os que delle se aproximaram e receberam ensinamentos de Arte. Na Escola de Bellas Artes, onde, durante tantos annos, o mestre transmittiu os seus conhecimentos a uma legião de moços, não existe entretanto uma obra delle que perpetue o seu valor como pintor, a sua individualidade esthetica, emotiva e grande.

O que a Escola possui é a prova do concurso feito para professor, um extraordinario desenho da estatua famosa conhecida por "Idolino", da autoria de Lykios, cujo original se encontra em Florença.

Na galeria Jorge, encontra-se presentemente um bello espécimen, onde o valor do artista pôde ser medido, quer como desenhador, quer como pintor. Em poder do escultor Magalhães Corrêa existe tambem um retrato, pintado justamente no mesma época em que o mestre pintor o retrato do saudoso Barão Homem de Mello e o do poeta Ignácio Raposo.

No tempo em o mestre Daniel Berard leccionava na Escola de Bellas Artes, pontificavam tambem os irmãos Bernardelli, Amódeo e o mestre dos mestres João Zeferino da Costa, glorioso por todos os titulos, o maior artista brasileiro que até hoje temos possuido.

Na classe de Henrique Bernardelli, o ambiente era agradável. O mestre amigo tinha sempre uma phileria para o discipulo que "boiava". Era commum os alumnos irem em sua companhia para o campo e para as praias, onde a par de estudos realisavam convectos, sem que, entretanto, a camaradagem diminuisse o respeito devido. Os alumnos aprendiam com prazer; guiados por mão sabia, produziam com vantagem. Entre os que frequentavam a aula do professor Bernardelli, contavam-se elementos de valor que hoje se encontram na vida pratica, honrando as Artes patrias: Lucilio e Georgina de Albuquerque, Trajano, Arthur Timotheo da Costa, Eduardo Bevilacqua, Maria José, Oscar Boeira, Francisco Manna, Amarante, Gaspar Magalhães e Julietta H. Ribeiro, uma gentil figurinha de mulher em corpo de creança, a "Julietinha", como os collegas com carinho lhe chamavam, pela sua bondade e simplicidade; de todos era amiga, o anjo da paz quando surgia uma rusga. Era commum vel-sentada no meio da roda a palear com os rapazes, alegre, despreoccupada nos seus 20 annos... De todos os rapazes havia um que não tomava parte nas philerias. Era Eduardo Bevilacqua, o "malhador eterno" em cima de um joelho durante uma semana inteira!

Em compensação, outros havia que permanentemente estavam ás voltas com as descomposturas do mestre.

Entre esses, occupava sempre o primeiro lugar o Manna, um typo curioso a Mirgor de chapéo á banda e guloso a ponto de comer o miolo das fructas que serviam de modelo, deixando-lhas as cascas pacientemente armadas no mesmo lugar, com grande despeso de Arthur Timotheo, eterno rubajento, que possuia uma caixa de tintas formidavel, comprada num saldo do Cavalier, já bichada e maior do que a sua figura. Com Francisco Manna fazia boa penna o José Amarante, o "Cavallaro" da Escola, atarracado, de cartolinha menor do que a cabeça, e charuto bichado, com tantos buracos que os dez dedos não bastavam para tapal-os: era nas horas

dado de Ministro do Imperio; recorreu ao discipulo Armando Magalhães Corrêa, para obter o que desejava. Magalhães Corrêa procurou-nos para que dessemos desempenho cabal ao desejo do mestre. Em dia o hora previamente combinados, partimos em demanda da residencia do saudoso professor de Historia das Artes, na Praça da Republica, onde hoje se encontra a garage da Assistencia Publica Municipal.

Fomos encontrar o velho mestre já fardado, á nossa espera, no meio de uma burburdia de papeis, recortes de jornaes e livros de toda a especie. Depois de uma curta palestra, começou o mestre Berard a procurar uma luz que lhe conviesse para a photographia que foi feita em poucos momentos, ficando a seu contento.

Tempos depois, fomos vêr o retrato e lá encontramos o venerando Barão em parte restabelecido, que, com grande sacrificio subira os dous lances de escada para dar uma pôse ao artista. A nossa admiração pelo trabalho do mestre foi inculcavel. Do espectro photographico nada existia.

A effigie do venerando professor, cheia de vida, refulgia com a sua barba branca de prata, contrastando com o ouro do fardão glorioso, o olhar azul do velho mestre reflectia os fastos da sua vida de estadista insigne. Com satisfação incoitada, mestre Berard manifestava a sua gratidão ao venerando Barão, pelo sacrificio, que fizera, de subir a escadaria para ir em seu auxilio, pois pela photographia não sabia fazer couza alguma; tinha necessidade de ter deante de si a nature-



"A JULIETINHA", QUADRO DE EDUARDO BEVILACQUA EXISTENTE NA PINACOTHECA DA ESCOLA DE BELLAS ARTES (PREMIO DE VIAGEM).

vagas o porteiro da Associação Commercial. Apesar da grotesca figura, foi o maior talento que passou pela Escola no seu tempo. Era musico, poeta e... mineiro de Itabira de Matto Dentro. Era enfim uma completa organisação artistica, infelizmente desaparecida da roda por loucura furiosa que o levou ao Hospicio. Gaspar Magalhães, o "menino do balão", barulhento; eterno preoccupado com amores que duravam um dia e ás vezes horas apenas. Soares Cunha, namorado terrivel, tambem dono de uma colossal caixa de pintura, verdadeiro arsenal; tudo alli dentro se encontrava, menos dinheiro, cousa que aliás não o preoccupava em absoluto, desde que os companheiros conseguissem arranjar-o. Certo dia, resolveu Soares da Cunha montar um Cenaculo. Convidou dous ou tres collegas, e alugaram uma grande sala no pardiouro que era a Villa Ruy Barbosa. E Bevilacqua fazia parte do grupo e pagava em geral os alugueis por inteiro, pois era o "rico" da Escola... Alli, naquelle recanto, executou Bevilacqua o quadro com que conquistou o premio de viagem, o retrato da "Julietinha", que figura na Pinacotheca da Escola de Bellas Artes, sendo um dos melhores trabalhos premiados com a viagem á Europa.

Entretanto, Eduardo Bevilacqua não gosou o premio. A morte de seu pai, Eugenio Bevilacqua, obrigou-o a assumir a direcção da casa commercial, onde ainda hoje se encontra. Poucos mezes depois, nova desgraça feriu Bevilacqua: a morte da "Julietinha", o modelo do seu quadro; pertinzaz tuberculose roubou-a á amizade dos collegas e á Arte que tinha nella uma cultura digna de apreço. Muitas lagrimas foram derramadas, lagrimas sinceras de amizade pura. A dor repercutiu na Escola, no animo dos mestres; Zeferino da Costa, e mais querido dos professores, com as faces lavadas pelo pranto, homenageou a memoria da morta com sentidas palavras, repassadas de grande saudade... Para Zeferino da Costa a obrigação de discursar constituia o maior dos sacrificios; não sabia como começar nem como acabar, uma verdadeira tortura.

Entretanto, naquella noite, a dôr deu-lhe coragem e inspiração. O velho mestre se transformou e commoveu os que lhe estavam em torno, pendentés da sua palavra que então vibrava como as suas telas, como as decorações da Candelaria! Foi uma noite triste para a rapaziada tão irriquetida das outras noites.

Dias depois, quando a impressão já era menor, a classe foi sacudida por pittoresco incidente. Mestre Bernardelli havia armado uma verdadeira arapuca de tabiques com pannos coloridos para a nova pose do modelo, o "Javary", um velhinho siciliano, que usava brancos e era um modelo quasi que prehistorico. Pousava desde o tempo de Corrêa Lima!

Uma vez prompta a arapuca e o modelo na posição, foram os trabalhos iniciados. No dia seguinte, todos a postos, mestre Bernardelli entrou na aula, de cabeça baixa, sem dizer palavra. A rapaziada percebeu que o mestre não estava em agua de santidade, um formidavel escandalo havia estourado no Jury do Salão de Bellas Artes.

O jury havia sido annullado e o mestre estava metido em tal assumpto. Nem cumprimentar ninguém, começou as correções, não encontrando nada bom...

O silencio era profundo, quando um ronco formidavel rebôou pela galeria. Outro ronco ainda maior fez tremer os paineeamentos... Os alumnos entreolharam-se sem atinar com a consa, loucos por uma risada

Mas o mestre estava alli, e de mau humor, segurando o queixo e de olhar fixo no ponto de onde os roncões continuavam assustadoramente sahindo, sem interrupção. A vontade de rir cedera lugar á apprehensão. Os roncões continuavam, continuavam agora precedidos de francos nas armações onde estavam os pannos que serviam de fundo ao modelo. Bernardelli ordenou ao "menino do balão" que fosse buscar o servente encarregado da limpeza da sala, continuando a segurar o queixo.

O Lucio, antigo "Guayamú", chegou gíngando o corpo cansado, para receber as ordens do mestre

Bernardelli, que, incoincidente ordenou que verificasse qual a causa do barulho. Lucio marchou sobre o ponto, mas outro ronco o deteve, indeciso. Olhou para todos, raspou a cabeça e avançou firme para o perigo. Com precauções inauditas, apanhou uma das pontas do paineeamento. Ergueu-o, aos poucos. A rapaziada que havia feito roda para melhor verificar a causa de tão extranho rumor, estourou em formidavel gargalhada ante o hilariante espectaculo oferecido tão inesperadamente. Francisco Manna era o roncador irreverente. Viera bem cedo. Passara uma noiteada patusca em um bailão do Itapirú. Ao entrar na aula, não resistiu á tentação e deixou-se dormir calmamente atraz dos tabiques, enrolado em uns pannos vermelhos pertencentes aos modelos.

Mestre Bernardelli não pronunciou palavra. Retirou-se. Momentos depois, o secretario notificava ao irreverente por oitinho dias que estava suspenso por dois dias!

Adalberto Mallos.



FRANCESCO MANNA, — O "RONCADOR"

(Continua no proximo numero)